

LIÇÃO 2 - Três Classes de Substâncias

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 1 & 2: 1069a 30-1069b 32

“1028. Ora, há três classes de substâncias. Uma é sensível, e desta classe um tipo é eterno e outro perecível. Este último, como plantas e animais, todos os homens reconhecem. Mas é o eterno cujos elementos devemos apreender, sejam eles um ou muitos. Outra classe é a imóvel, que certos pensadores afirmam ter existência separada, alguns dividindo-a em dois tipos, outros sustentando que as Formas separadas e os objetos da matemática são de uma mesma natureza, e ainda outros sustentando que apenas os objetos da matemática pertencem a esta classe. As duas primeiras classes de substância pertencem à filosofia da natureza, pois envolvem movimento; mas a última pertence a uma ciência diferente, se não houver um princípio comum a estas três.

Capítulo 2

1029. A substância sensível é capaz de ser mudada. E se a mudança procede de contrários ou de intermediários, contudo não de todos os contrários (pois a palavra falada não é branca), mas apenas de um contrário, então deve haver algum sujeito subjacente que possa ser mudado de um contrário a outro; pois os próprios contrários não são mudados (730). Além disso, este sujeito permanece, enquanto um contrário não permanece. Portanto, há alguma terceira coisa além dos contrários, e esta é a matéria.

1030. Se, então, há quatro tipos de mudança: ou na substância, ou na qualidade, ou na quantidade, ou no lugar; e se a mudança na substância é geração e destruição sem qualificação, a mudança na quantidade é aumento e diminuição, a mudança no atributo é alteração, e a mudança no lugar é movimento local, então as mudanças que ocorrem em cada caso devem ser mudanças para estados contrários. Portanto, deve ser a matéria que é capaz de ser mudada para ambos os estados.

1031. E, como o ser é duplo, toda mudança é do ser em potência para o ser em ato, por exemplo, do branco em potência para o branco em ato. O mesmo vale

para o aumento e a diminuição. Portanto, não apenas algo pode vir a ser acidentalmente a partir do não-ser, mas todas as coisas vêm a ser a partir do ser, i.e., do ser em potência, não do ser em ato.

1032. E este é o “Uno” de Anaxágoras; pois é melhor sustentar esta visão do que afirmar que “todas as coisas estavam juntas”. E esta é a “Mistura” de Empédocles e Anaximandro, e recorda a afirmação de Demócrito de que todas as coisas estavam juntas em potência, mas de modo algum em ato. Portanto, todos esses pensadores estavam tocando na matéria.

1033. Ora, todas as coisas que sofrem mudança têm matéria, mas coisas diferentes têm matérias diferentes; e, das coisas eternas, aquelas que são incapazes de ser geradas, mas podem ser movidas pelo movimento local, têm matéria. Contudo, não têm aquele tipo de matéria que está sujeita à geração, mas apenas aquela que está sujeita ao movimento de um lugar para outro (697).

1034. E poder-se-ia levantar a questão sobre a partir de que tipo de não-ser a geração poderia ocorrer; pois o não-ser é dito em três sentidos. Se, então, um tipo de não-ser é a potencialidade, ainda assim não é a partir de qualquer coisa que algo vem a ser, mas coisas diferentes vêm de coisas diferentes. Nem basta dizer que “todas as coisas estavam juntas”, pois elas diferem em sua matéria; caso contrário, por que uma infinidade de coisas seria gerada e não apenas uma coisa? Pois a mente é una, de modo que, se a matéria também fosse una, apenas aquilo cuja matéria estivesse em potência poderia vir a ser em ato.

COMENTÁRIO

2424. Tendo explicado que a filosofia se ocupa principalmente das substâncias, aqui o Filósofo começa a tratar das substâncias. Isso se divide em duas partes. Na primeira (1028:C 2424), ele faz uma divisão da substância; e na segunda (1029:C 2428), trata das partes dessa divisão (“Substância sensível”).

Ele diz, portanto, primeiro (1028), que há três classes de substâncias. Uma é sensível, e esta se divide em dois tipos; pois algumas substâncias sensíveis são eternas (os corpos celestes) e outras perecíveis. As substâncias sensíveis e perecíveis, como animais e plantas, são reconhecidas por todos.

2425. Mas é “a outra classe de substância sensível”, i.e., a eterna, cujos princípios visamos descobrir neste livro, se seus princípios são um ou muitos. Ele investigará isso considerando as substâncias separadas, que são tanto as fontes de movimento quanto os fins dos corpos celestes, como será esclarecido abaixo (1086:C 2590-92). Ele usa *elementos* em sentido amplo aqui no lugar de *princípios*; pois, estritamente, um elemento é apenas uma causa intrínseca.

2426. A terceira classe de substância é a imóvel e imperceptível. Esta classe não é evidente para todos, mas alguns homens afirmam que ela é separada das coisas sensíveis. As opiniões desses homens diferem; pois alguns dividem as substâncias separadas em dois tipos — as Formas separadas, que chamam de Ideias, e os objetos da matemática. Pois, assim como se encontra na razão um duplo método de separação, um pelo qual os objetos da matemática são separados da matéria sensível, e outro pelo qual os universais são separados das coisas particulares, de modo semelhante eles sustentavam que tanto os universais, que chamavam de Formas separadas, quanto também os objetos da matemática, são separados na realidade. Mas outros reduziram essas duas classes — as Formas separadas e os objetos da matemática — a uma só natureza. Ambos esses grupos eram platônicos. Mas outro grupo, os pitagóricos, não pôs Formas separadas, mas apenas os objetos da matemática.

2427. Entre essas três classes de substâncias há esta diferença, a saber, que as substâncias sensíveis, sejam perecíveis ou eternas, pertencem à consideração da filosofia da natureza, que estabelece a natureza do ser móvel; pois substâncias sensíveis desse tipo estão em movimento. Mas as substâncias separáveis e imóveis pertencem ao estudo de uma ciência diferente e não à mesma ciência, se não houver princípio comum a ambos os tipos de substância; pois se houvesse um princípio comum, o estudo de ambos os tipos de substância pertenceria à ciência que considera esse princípio comum. A filosofia da natureza, então, considera as substâncias sensíveis apenas na medida em que estão em ato e em movimento. Portanto, esta ciência (filosofia primeira) considera tanto as substâncias sensíveis quanto as imóveis na medida em que ambas são seres e substâncias.

2428. **Substância sensível** (1029).

Em seguida, ele estabelece a verdade sobre as substâncias mencionadas acima. Faz isso, primeiro (1029:C 2429), com respeito às substâncias sensíveis; e segundo (1055:C 2488), com respeito às substâncias imóveis ("E, como há três").

A primeira se divide em duas partes. Primeiro, ele investiga os princípios das substâncias sensíveis; e segundo (1042:C 2455), indaga se os princípios das substâncias e os das outras categorias são os mesmos ("Em um sentido").

Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, investiga a natureza da matéria; e segundo (1035:C 2440), a natureza da forma ("As causas ou princípios").

Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, expõe suas opiniões sobre a matéria. Segundo (1034:C 2437), enfrenta uma dificuldade ("E poder-se-ia levantar a questão").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que há matéria nas substâncias sensíveis; e também mostra que tipo de ser a matéria é. Segundo (1033:C 2436), mostra como a matéria difere em diferentes tipos de substâncias sensíveis ("Agora, todas as coisas").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, procede conforme descrito. Segundo (1031:C 2432), ele enfrenta um argumento pelo qual alguns dos filósofos antigos negavam a geração ("E, uma vez que o ser é duplo").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que há matéria nas substâncias sensíveis. Segundo (1030:C 431), mostra que tipo de ser a matéria é ("Se, então, há").

Ele diz, portanto, primeiro (1029), que a substância sensível é mutável, como foi apontado, e toda mudança é ou a partir de opostos ou a partir de intermediários, como foi mostrado acima (384:C 723-24). No entanto, a mudança não procede de quaisquer opostos; pois o branco vem do não-branco, mas não de qualquer não-branco; pois uma palavra é não-branca, mas um corpo não se torna branco a partir de uma palavra, mas de um não-branco que é preto ou alguma cor intermediária. Daí ele diz que a mudança procede de um oposto que é um contrário. E não pode haver réplica baseada na mudança na substância sob o argumento de que não há nada contrário à substância. Pois na substância há privação, que está incluída em certo sentido entre os contrários, como foi mostrado no Livro X (853:C 2050-53).

2429. Portanto, uma vez que toda mudança é de um contrário a outro, deve haver algum sujeito subjacente que possa ser mudado de um contrário a outro. O Filósofo prova isso de duas maneiras. Primeiro, argumenta com base no fato de que um contrário não é mudado em outro; pois a negritude em si mesma não se torna brancura, de modo que, se há uma mudança do preto para o branco, deve haver algo além da negritude que se torna branco.

2430. Ele prova o mesmo ponto de outra maneira, a saber, pelo fato de que, em toda mudança, algo é encontrado para permanecer. Por exemplo, em uma mudança do preto para o branco, um corpo permanece, enquanto a outra coisa — o contrário preto — não permanece. Portanto, é evidente que a matéria é alguma terceira entidade além dos contrários.

2431. Se, então, há (1030).

Ele agora mostra que tipo de ser a matéria é. Ele diz que há quatro tipos de mudança: geração e destruição simples, que é mudança na substância; aumento e diminuição, que é mudança na quantidade; alteração, que é mudança nas afecções (e constitui a terceira espécie de qualidade); e "movimento local", ou mudança de lugar, que pertence ao onde de uma coisa. Ora, foi mostrado que todas essas mudanças envolvem as contrariedades que pertencem a cada uma dessas classes; por exemplo, a alteração envolve contrariedade de qualidade, o aumento envolve contrariedade de quantidade, e assim por diante para as outras. E, uma vez que em toda mudança há, além dos contrários, alguma terceira entidade chamada matéria, a coisa que sofre a mudança, i.e., o sujeito da mudança, considerado apenas em si mesmo, deve estar em potencialidade para ambos os contrários, caso contrário não seria suscetível a ambos ou admitiria mudança de um para o outro. Assim, assim como um corpo que é mudado de branco para preto, enquanto corpo, está em potencialidade para cada um dos dois contrários, de maneira similar, na geração da substância, a matéria, como sujeito da geração e destruição, é de si mesma em potencialidade tanto para a forma quanto para a privação, e não tem, de si mesma, nem forma nem privação em ato.

2432. E, uma vez que o ser (1031).

Aqui o Filósofo estabelece a verdade sobre a própria matéria, e em relação a isso ele faz duas coisas. Primeiro, enfrenta uma dificuldade. Segundo (1032:C 2435), mostra como alguns dos filósofos antigos ofereceram uma solução semelhante à mencionada acima ("E este é o 'Um'").

Ele enfrenta a dificuldade dos filósofos antigos que eliminaram a geração porque não pensavam que algo pudesse vir do não-ser, já que nada vem do nada, ou que algo pudesse vir do ser, pois uma coisa então existiria antes de vir a ser.

2433. O Filósofo enfrenta essa dificuldade mostrando como uma coisa vem a ser tanto do ser quanto do não-ser. Ele diz que o ser é duplo — atual e potencial. Portanto, tudo o que é mudado é mudado de um estado de ser potencial para um de ser atual; por exemplo, uma coisa é mudada de ser potencialmente branca para ser atualmente branca. O mesmo vale para o movimento de aumento e diminuição, pois algo é mudado de ser potencialmente grande ou pequeno para ser atualmente grande ou pequeno. Na categoria de substância, então, todas as coisas vêm a ser tanto do ser quanto do não-ser. Uma coisa vem a ser acidentalmente do não-ser na medida em que vem a ser de uma matéria sujeita à privação, em referência à qual é chamada de não-ser. E uma coisa vem a ser essencialmente do ser — não do ser atual, mas do ser potencial — i.e., da matéria, que é ser potencial, como foi mostrado acima (1030:C 2431).

2434. Ora, deve-se ter em mente que certos pensadores posteriores quiseram se opor ao princípio acima mencionado dos filósofos antigos da natureza (que negavam a geração e a destruição e afirmavam que a geração é meramente alteração) quando disseram que a geração ocorre por desprendimento de alguma mistura ou massa confusa.

2435. Portanto, quando o Filósofo, na terceira parte de sua divisão, diz "E este é o Um (1032)", ele mostra que todos os que expressaram essa visão quiseram adotar uma posição semelhante à mencionada acima, mas não conseguiram fazê-lo. Por isso ele diz que isto, a saber, a matéria, que está em potencialidade para todas as formas, é o "Um" de que Anaxágoras falou; pois Anaxágoras disse que tudo o que é gerado a partir de outra coisa está presente naquilo de que vem a ser. E assim, não sabendo distinguir entre potencialidade e atualidade, ele disse que no início todas as coisas estavam misturadas em um todo. Mas é mais apropriado postular uma matéria na qual todas as coisas estão presentes potencialmente do que postular uma na qual todas as coisas estão presentes atualmente e simultaneamente, como parece ser o caso a partir do que Anaxágoras disse. É isso que Empédocles também afirmou, a saber, que no início todas as coisas estavam misturadas ou mescladas pela amizade e depois foram separadas pela discórdia. Anaximandro similarmente sustentou que todos os contrários existiam originalmente em uma massa confusa. E Demócrito disse que tudo o que vem a ser primeiro existe potencialmente e depois atualmente. Portanto, é evidente que todos esses filósofos tocaram na matéria até certo ponto, mas não a compreenderam plenamente.

2436. Agora, todas as coisas (1033).

Ele mostra que a matéria não está presente em todas as substâncias sensíveis da mesma forma. Diz que todas as coisas que sofrem mudança devem ter matéria, mas de um tipo diferente. Pois as coisas que "são mudadas substancialmente", isto é, geradas e destruídas, têm uma matéria que está sujeita à geração e destruição, ou seja, uma que é em si mesma em potencialidade tanto para as formas quanto para as privações. Mas os corpos celestes, que são eternos e não sujeitos à geração, embora admitam mudança de lugar, têm matéria — não uma que admita geração e destruição ou que esteja em potencialidade para a forma e para a privação, mas uma que está em potencialidade para os termos do movimento local, isto é, o ponto do qual o movimento começa e

o ponto para o qual tende.

2437. **E alguém poderia levantar** (1034).

Em seguida, ele aborda uma dificuldade que diz respeito aos pontos estabelecidos acima. Ele diz que, como a geração é uma mudança do não-ser para o ser, pode-se perguntar de que tipo de não-ser procede a geração; pois o não-ser é dito de três maneiras. Primeiro, é dito daquilo que não existe de modo algum; e deste tipo de não-ser nada é gerado, porque na realidade nada vem do nada. Segundo, é dito da privação, que é considerada em um sujeito; e enquanto algo é gerado a partir deste tipo de não-ser, a geração é accidental, isto é, na medida em que algo é gerado a partir de um sujeito ao qual ocorre alguma privação. Terceiro, é dito da própria matéria, que, tomada em si mesma, não é um ser atual, mas um ser potencial. E a partir deste tipo de não-ser, algo é gerado essencialmente; ou em suas palavras, se um tipo de não-ser é a potencialidade, então a partir de tal princípio, i.e., o não-ser, algo é gerado essencialmente.

2438. No entanto, embora algo seja gerado a partir desse tipo de não-ser que é o ser em potencialidade, ainda assim uma coisa não é gerada a partir de todo tipo de não-ser, mas coisas diferentes provêm de matérias diferentes. Pois tudo que é capaz de ser gerado tem uma matéria definida da qual vem a ser, porque deve haver uma proporção entre forma e matéria. Pois, embora a matéria primeira esteja em potencialidade para todas as formas, ela as recebe, no entanto, em uma certa ordem. Pois primeiro ela está em potência para as formas dos elementos e, por intermédio destes, na medida em que são misturados em proporções diferentes, está em potência para formas diferentes. Portanto, nem tudo pode vir a ser diretamente a partir de tudo o mais, a menos que talvez pela resolução na matéria primeira.

2439. Esta visão se opõe à de Anaxágoras, que afirmava que qualquer coisa podia vir a ser a partir de qualquer outra. Nem sua suposição de que todas as coisas estavam juntas no início é suficiente para apoiar essa visão. Pois as coisas diferem por razão da matéria na medida em que há matérias diferentes para coisas diferentes. Pois se a matéria de todas as coisas fosse uma, como é segundo a opinião de Anaxágoras, por que um número infinito de coisas seria gerado e não apenas uma coisa? Pois Anaxágoras afirmava que há um agente, a mente; e, portanto, se a matéria também fosse uma, apenas uma coisa necessariamente viria a ser, a saber, aquilo para o qual a matéria está em potencialidade. Pois onde há um agente e uma matéria, deve haver um efeito, como foi dito no Livro X.

2440. Este argumento vale contra Anaxágoras na medida em que ele afirmava que a mente precisa de matéria para produzir algum efeito. E se ele afirma que o primeiro princípio das coisas é a mente, que produz a própria matéria, o primeiro princípio da diversidade das coisas procederá da ordem apreendida pela mente acima mencionada, a qual, na medida em que visa produzir coisas diferentes, estabelece matérias diferentes que têm uma aptidão para uma diversidade de coisas.